CIÊNCIAS HUMANAS
REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
URI FREDERICO WESTPHALEN

RELAÇÕES HUMANAS: RIZOMAS PARA ALTERIDADE EM CONTEXTOS DE CONTEMPORANEIDADE

Human relationships: rhizomes for otherness in the context of contemporaneity

Relaciones humanas: rizomas para alteridad en el contexto de contemporaniedad

Paulino Edit[1]

Cristiane Elisabeth Cupchinski[2]

Resumo: Este artigo tem por objetivo tecer reflexões acerca do ser humano e as imbricadas relações que se estabelecem ao longo de sua existência. Num primeiro momento, destaca-se a pertinência da questão, o que nos faz humanos? Para a compreensão dessa indagação buscou-se pesquisar autores, como Maturana (1997, 2001), Assmann (2000), Capra (2008) e Strieder (2004). Num segundo momento destacamos aspectos da história da humanidade, no sentido de sua perpetuação. Trata-se dos princípios da inclusão, solidariedade e colaboração. As reflexões se pautam em Morin (2007), Capra (2008), Descartes (2002), Nietzsche (1985, 2013) e Lévinas (2004). A produção ainda se constitui numa reflexão sobre a possibilidade de criar rizomas para a alteridade em tempos de contemporaneidade. Especificamente no campo da educação, o artigo se remete ao modo de viver humano por meio da experiência estética na perspectiva da alteridade. As análises são a partir de Arendt (2014), Hermann (2010) e Assmann (2000).

Palavras-chave: Relações humanas; Linguagem; Alteridade; Educação; Contemporaneidade.

INTRODUÇÃO

Frente aos desafios da fragmentação da vida, urge a necessidade de reflexão quanto à compreensão acerca do que nos torna humanos. Neste entendimento, devemos ter a ciência de que somos pertencentes a uma diversidade infinita, a uma espécie cuja evolução e constituição modificou-se por meio dos tempos, a partir da necessidade um do outro à convivência. E o que nos torna humanos? O que permite a estruturação biológica do humano é o cuidado, a necessidade do Outro. Assim, os humanos estabelecem, com o objetivo de

[1] Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Univesidade Católica de São Paulo, Brasil. Professor Titular da Universidade do Oeste de Santa Catarina - UNOESC. E-mail: paulino.eidt@unoesc.edu.br.
[2] Mestranda em Educação pela Universidade do Oeste de Santa Catarina – UNOESC, Joaçaba/ SC. Professora de Educação Infantil de Tunápolis, SC. E-mail: cristiane_cupchinski@yahoo.com.br.

Revista de Ciências Humanas - Educação | FW | v. 17 | n. 29 | p. 105-123 | Dez. 2016
Recebido em: 16.08.2016 Aprovado em: 29.11.2016

assegurar sua sobrevivência, rede de relações que aflora o modo subjetivo de cada ser dentro do predomínio social que convive. Podemos afirmar que somos a espécie mais evoluída, com aptidões cerebrais capazes de dominar os outros animais e a própria natureza.

A manifestação comportamental humana só é possível pelo meio social em que este convive, o que possibilita um jeito de viver e se relacionar. Imbuídos pelo *linguajar*[1] os Seres humanos manifestam seu mundo interior de ideias e sentimentos, e neste, a linguagem expressa na oralidade desencadeia uma rede de conversação.

Visando compreender os aspectos que alvoreceram no modo de viver humano entre os tempos, destacamos um breve resgate do modo de viver que predominou na humanidade desde as sociedades arcaicas. Nesta direção, enfatizamos os dogmatismos que imbuíram o Ser humano; o cartesianismo que preconizou o dualismo do modo de pensar dos Seres humanos e, o tempo contemporâneo, no qual se faz necessária uma abertura de pensamento capaz de fazer surgir um espaço dialógico.

Na perspectiva de possibilidade de diálogo torna-se relevante compreender o Eu e o Outro, seres que se constituem na linguagem, mas que, por vezes, negam-se a reconhecer o Outro como legítimo Outro pois este causa a revelação de si mesmo. Assim, remete-nos a refletir a possibilidade para a diversidade de humanos viver com mais aceitação de si e do Outro.

Para compreender a perspectiva da alteridade buscamos na filosofia a base teórica para a reflexão. Filósofos e sociólogos contemporâneos permitem uma visão integral do Ser humano, indissociável do mundo que o rodeia, integrado à própria vida e como dependente e responsável por ela. Lançando estes pensamentos ao campo da educação, que é um dos espaços de relações e convivência humanas e que urge pela necessidade de repensar o como faz educação, para poder dar abertura às perspectivas pedagógicas suficientemente capazes de reconhecer o outro que chega nos espaços escolares para a construção de seus conceitos e de sua própria maneira de se relacionar.

Na esteira das relações humanas conferimos caráter necessário a pensar a experiência

[1] Termo utilizado por Humberto Maturana ao se referir à rede de coordenações de coordenações comportamentais consensuais criada pelos humanos, o que conduz a inúmeras maneiras de comunicabilidade que precedem e ultrapassam a linguagem.

Revista de Ciências Humanas - Educação | FW | v. 17 | n. 29 | p. 105-123 | Dez. 2016
Recebido em: 16.08.2016 Aprovado em: 29.11.2016

de ética e estética sobre o humano. Reconhecemos ser possível por meio da estética abrir-se ao diferente e reconstruir a sua própria compreensão, abrindo-se à alteridade, colocando-se em jogo.

O que nos torna humanos?

A dinâmica de relações humanas que formam o contexto social e cultural ao qual somos inseridos é ponto chave para reflexões do que nos torna humanos e o que nos desumaniza.

> A unicidade do ser humano reside na nossa capacidade para tecer continuamente a rede linguística na qual estamos embutidos. Ser humano é existir na linguagem. Na linguagem, coordenamos nosso comportamento, e juntos, na linguagem, criamos o nosso mundo. "O mundo que todos veem", escrevem Maturana e Varela, "não é *o* mundo, mas *um* mundo, que nós criamos com os outros". Esse mundo humano inclui fundamentalmente o nosso mundo interior de pensamentos abstratos, de conceitos, de símbolos, de representações mentais e de auto percepção. Ser humano é ser dotado de consciência reflexiva: "Na medida em que sabemos como sabemos, criamos a nós mesmos" (CAPRA, 2008, p. 227).

A perpetuação da espécie humana somente foi possível pela colaboração, fundamentando as ações pela linguagem e afetividade que expressa o mundo interior de ideias e conceitos. Envoltos pela linguagem e emoção definem-se as condutas de um ser humano. "Porque palavras doces mudam nossos hormônios, mudam nossa fisiologia, ou seja, nós nos acariciamos com palavras" (MATURANA, 2001, p. 94). Diante disso, nota-se que as palavras expressas no linguajar tem grande poder sobre o humano, conduzindo-o a comportamentos afetuosos ou movendo ao conflito, fúria, depende de como e o que é dito. Essa é a trama das relações humanas.

Abordamos o linguajar como fator relevante às reflexões a serem tecidas acerca das relações humanas, pois estamos num mundo em que vivemos e convivemos, e na relação com o Outro que nos comunicamos, interagimos, atribuímos significado à nossa existência e a nossos atos. "Sem o fenômeno evolutivo chamado neotênia, a nossa espécie jamais teria evoluído para seu complexíssimo potencial cerebral e linguístico-cultural" (ASSMANN,

2000, p. 313). Portanto, a evolução humana preconizada pela fragilidade e necessidade de cuidados, desencadeou-se à convivência.

O conviver consiste em aceitar o outro na sua singularidade e na sua diferença. Em todos os períodos históricos houve ações de negar, excluir e não aceitar o diferente. De qualquer forma, devemos considerar que a diversidade pode enriquecer as relações e ampliar o sentido de compreensão e acolhimento. É notório que tudo o que nos rodeia influencia nossas concepções de vida. Neste entendimento que podemos colaborar na construção de *Ethos* predispostos à alteridade ou a ausência dela.

A constituição do ser humano ocorreu por meio do processo histórico, vinculado à relação dos seres com seu entorno, num rol de atividades que possibilitou aprender e transmitir conhecimentos aos seus descendentes. O linguajar surge como uma circunstância das ações humanas, que ao se comunicar combinam suas ações e fazem-se compreender, o que Maturana (2001) chama de coordenações consensuais, ou seja, há reciprocidade de entendimento, compreensão ao estabelecer uma ação que induz à comunicação. Dessa forma, linguagem acontece na convivência de seres que participam de determinada rotina, compartilhando momentos que explicitam a necessidade um do outro, dando origem à linguagem oral.

Percebe-se, assim, que a espécie humana se identifica pelos aspectos biológicos, sendo genericamente constituídos da mesma anatomia, fruindo de uma identidade comum a todos, tendo traços fundamentais que classificam a espécie, mas as perspectivas particulares determinam cada ser, único, entre tantos múltiplos. O contexto da evolução biológica humana nos conduz ao entendimento que nascemos com a anatomia fisiológica humana, mas isso não nos torna humanos. A humanidade emerge do ato de viver e conviver de forma humana, como seres que possibilitam uma rede de compreensões e interações a partir da linguagem. Pode-se contextualizar esse fato, no capítulo denominado Domínios comportamentais, do livro *A árvore do conhecimento*, na descrição feita do caso das duas meninas indianas de uma aldeia Bengali do norte da Índia:

> Em 1922, elas foram resgatadas (ou arrancadas) de uma família de lobos que as

Revista de Ciências Humanas - Educação | FW | v. 17 | n. 29 | p. 105-123 | Dez. 2016
Recebido em: 16.08.2016 Aprovado em: 29.11.2016

> haviam criado em completo isolamento de todo contato humano. Uma das meninas tinha oito anos e a outra cinco. A menor morreu pouco depois de encontrada e a maior sobreviveu cerca de dez anos, juntamente com outros órfãos com as quais foi criada. Ao serem achadas, as meninas não sabiam caminhar sobre os pés e se moviam rapidamente de quatro. Só queriam comer carne crua e tinham hábitos noturnos. Recusavam o contato humano e preferiam a companhia de cães ou lobos. Ao serem resgatadas, estavam perfeitamente sadias e não apresentavam nenhum sintoma de debilidade mental ou idiotia por desnutrição. Sua separação da família lupina produziu nelas uma profunda depressão, que as levou à beira da morte, e uma realmente faleceu. A menina que sobreviveu dez anos acabou mudando seus hábitos alimentares e ciclos de vida e aprendeu a andar sobre os dois pés, embora sempre recorresse à corrida de quatro em situações urgentes. Nunca chegou propriamente a falar, embora usasse algumas palavras. A família do missionário anglicano que a resgatou e cuidou dela bem como outras pessoas que a conheceram com alguma intimidade, jamais a sentiram como verdadeiramente humana (MATURANA, 2002, p. 145-146).

Nesta vertente, constata-se o quanto o ambiente e as interações relacionais possibilitam um viver humano, ou não. Nossa conduta de comportamento é algo que construímos no viver cotidiano, ela nos faz e nós a fazemos. Estamos em constante interação com o meio em que vivemos e com outros indivíduos, estamos sendo constituídos e constituindo os seres humanos que chegam a este mundo compartilhado por nós, em um processo contínuo. "Na infância, a criança vive o mundo em que se funda sua possibilidade de converter-se num ser capaz de aceitar e respeitar o outro a partir da aceitação e do respeito de si mesma" (MATURANA, 2001, p. 29). Sendo assim, cabe reforçar que se somos constituídos na recorrente relação com o outro, como podemos possibilitar aos Seres que chegam a este mundo conviver com respeito e autoaceitação?

Para compreender esta questão precisamos recorrer ao entendimento de nossas dimensões humanas, pois somente a compreensão de nossos atos implicará uma mudança de postura capaz de conceber novas maneiras de conduzirmos nossa vida cotidiana para amparar os novos Humanos de forma integral, ou seja, Seres capazes de se reconhecer, aceitar-se, melhorar-se e compreender-se:

> Sem aceitação e respeito por si mesmo não se pode aceitar e respeitar o outro, e sem aceitar o outro como legítimo outro na convivência, não há fenômeno social. Além disso, uma criança que não se aceita e não se respeita não tem espaço de reflexão, porque está na contínua negação de si mesma e na busca ansiosa do que não é e nem pode ser (MATURANA, 2001, p. 31).

Revista de Ciências Humanas - Educação | FW | v. 17 | n. 29 | p. 105-123 | Dez. 2016
Recebido em: 16.08.2016 Aprovado em: 29.11.2016

Desta forma, não há como negar a condição humana por necessidade de sobrevivência e pelas relações que se desenvolvem neste contexto. A manifestação comportamental humana aflora-se na linguagem, na interação dos Seres humanos com a realidade/ambiente, no seu desenvolver biológico e cultural, que acontece essencialmente na convivência com outros Seres. A abertura e necessidade da convivência consiste numa gama de aceitação, exclusão, num círculo sem fim de encontros e desencontros, que regem a política humana, portanto, compreender que somos parte desse processo exige compreender o Ser humano.

O comportamento humano é determinado pelo meio em que este está inserido e por seu jeito próprio de agir nesse contexto. Nesta acepção, o ser humano é racional, capaz de conhecer, porém não é capaz de conduzir suas emoções que são oscilantes, *sapiens e demens*, que dinamizam o jeito próprio de cada um viver no e o seu mundo.

O humano se proliferou a partir da profunda fecundidade de relações estabelecidas no ato de cuidar uns dos outros. A dimensão do cuidado é a maneira que o humano se estrutura, se realiza no mundo e se relaciona com as demais coisas do mundo, numa necessidade de solidariedade uns para com os outros. Contudo, à medida que os seres se relacionam e evoluem as divergências das singularidades se exalam, tornando os seres humanos individualistas. Nascemos envoltos em ternura, aconchego, mas intricados à competição e ao egocentrismo do próprio *Ethos*, que nos leva ao conflito na disputa, na negação do outro, incluímos e excluímos uns aos outros, apresentando novas interfaces de relacionamento humano, que mutilam a nossa condição humana.

> No contexto anti-solidário em que nos encontramos, inundado por competições de toda ordem, destruidores da vida, talvez seja mais saudável conceber a competição como geradora de cegueira e de morte. Negar ao outro o domínio de sua existência é, além de reduzir as circunstâncias da cooperação e da coexistência, um significativo redutor de criatividade. Com isso, perde a humanidade como um todo, por aceitar a capacidade criativa de um enorme contingente de indivíduos. É preciso verificar, se a história da filogenética não é muito mais uma história de cooperação, entreajuda e de aceitação mutua, para podermos reaprender- e isso parece além de necessário, urgente- a lição da sensibilidade solidária (STRIEDER, 2000, p. 314).

No período pós-moderno urge a necessidade de perceber que se precisa orientar a vida a partir de novos valores, que não sejam os já consagrados culturalmente e dados como

prontos e definitivos, o ato de dialogar e refletir sobre o que se diz e se ouve torna-se primordialmente necessário.

Entre os tempos: a história da humanidade

Para Deleuze e Guattari (1995) a visão rizomática da estrutura do conhecimento não estabelece começo nem fim para o saber. A multiplicidade surge como linhas independentes que representam dimensões, territórios do real, modos inventados e reinventados de se construir realidades, que podem ser desconstruídos, desterritorializados.

> O pensamento não é arborescente e o cérebro não é uma matéria enraizada nem ramificada. O que se chama equivocadamente de "dendritos" não assegura uma conexão dos neurônios num tecido contínuo. A descontinuidade das células, o papel dos axônios, o funcionamento das sinapses, a existência de microfendas sinápticas, o salto de cada mensagem por cima destas fendas fazem do cérebro uma multiplicidade que, no seu plano de consistência ou em sua articulação, banha todo um sistema, probabilístico incerto, un certain nervous system (DELEUZE E GUATTARI, 1995, p. 94).

A história da humanidade provocou momentos de ser e estar no mundo, ora de mais tolerância e ora de intolerância. Analisando o contexto das sociedades arcaicas, percebe-se que no período de estruturas lógicas informais se viveu um sistema fechado, onde o dogmatismo comanda o viver do Ser humano, que é enclausurado numa mesma perspectiva de crenças e pensamentos preestabelecidos, nesse caso a religião, mitos e crenças são o que comandam as ações do ser humano configurado àquilo que concerne à vida humana.

> Os deuses e as ideias surgiram como ectoplasmas coletivos a partir dos espíritos humanos e tornaram-se entidades dotadas de vida e de individualidade, alimentadas pela comunidade de fiéis. Retroagindo sobre os espíritos, sem os quais nada seriam, eles tornam-se tudo (MORIN, 2007, p. 278).

Vivendo sob o dogmatismo, em que toda formação cultural se volta a uma crença, a ciência moderna se desvincula da fé e caminha a uma ciência de experimentação, que foi o

Revista de Ciências Humanas - Educação | FW | v. 17 | n. 29 | p. 105-123 | Dez. 2016
Recebido em: 16.08.2016 Aprovado em: 29.11.2016

que caracterizou a Revolução científica do século XVII. Adentra-se na lógica formal, caracterizando a ideia de o ser humano como ser racional.

> Nos séculos XVI e XVII, a visão de mundo medieval, baseada na filosofia aristotélica e na teologia cristã, mudou radicalmente. A noção de um universo orgânico, vivo e espiritual foi substituída pela noção do mundo como uma máquina, e a máquina do mundo tornou-se a metáfora dominante da era moderna. Essa mudança radical foi realizada pelas novas descobertas em física, astronomia e matemática, conhecidas como Revolução Científica e associadas aos nomes de Copérnico, Galileu, Descartes, Bacon e Newton (CAPRA, 2008, p. 34).

A expressão que marcou essa época e sua concepção foi a frase de René Descartes "penso, logo existo" (DESCARTES, 2002, p. 102). Assim, o mundo passa a ser visto como uma máquina, o processo da ciência moderna passa a determinar que o cartesianismo, com suas verdades absolutas e indiscutíveis, sendo instrumentalista e mecanicista, foi o grande causador das rupturas e fragmentações quando se mostrava necessário dar sentido racional e intelectual a tudo em separado. Esse pensamento disseminou-se na humanidade, causando a ruptura do próprio humano e da natureza, dividindo o Ser humano em partes, como uma máquina, que para ser "montada" ou estudada, se decompõe em partes separadas.

> René Descartes criou o método do pensamento analítico, que consiste em quebrar fenômenos complexos em pedaços a fim de compreender o comportamento do todo a partir das propriedades das suas partes. Descartes baseou sua concepção da natureza na divisão fundamental de dois domínios independentes e separados – o da mente e o da matéria. O universo material, incluindo os organismos vivos, era uma máquina para Descartes, e poderia, em princípio, ser entendido completamente analisando-o em termos de suas menores partes (CAPRA, 2008, p. 34-35).

Em decorrência dessa visão de mundo e do próprio Ser humano, o *niilismo* torna-se uma nova forma de compreensão do mundo, porém como experiência do nada e ao mesmo tempo desse nada alcançando-se uma nova perspectiva de construção de um novo humano. Uma forte aliada a atender os anseios da humanidade sempre foi a filosofia, desde os primórdios da humanidade. As teorias do filósofo Nietzsche, na modernidade, lançam a ideia da indispensabilidade de pertencer ao tempo vivido, desconectando-se e dissociando-se de verdades absolutas impostas. Assim, Nietzsche preconizava que não se considera um ser

humano puramente racional, inseparável do seu pulsar emocional, é preciso considerar o todo, como espírito de criança, capaz de criar e recriar.

> A criança é a inocência, e o esquecimento, um novo começar, um brinquedo, uma roda que gira sobre si, um movimento, uma santa afirmação. Sim; para o jogo da criação, meus irmãos, é necessária uma santa afirmação: o espírito quer agora a sua vontade, o que perdeu o mundo quer conseguir o seu mundo (NIETZSCHE, 1985, p. 21).

Nietzsche viveu no século dezoito e faleceu no início do século dezenove, já estamos no século vinte e um, no terceiro milênio, e ainda buscando compreender todo esse processo de transformação e compreensão da humanidade, onde os Seres humanos entranhados pela luta de sobrevivência esquecem de refletir, de se autocompreender, o que demonstra o quanto os conceitos desse filósofo são atemporais. No seu tempo e hoje, as verdades sempre são relativas e não absolutas. Sua proposta/aposta é a inversão dos valores e da dissolução do pensamento dualista para o aparecimento do espírito livre que será capaz de realizar a transvaloração de todos os valores.

Seus pensamentos embasam uma reflexão transformadora na capacidade que joga ao Ser humano escolher se continua alienado com as doutrinas impostas como verdades absolutas ou se é capaz de criar sua própria consciência. "Nós, que somos homens do conhecimento, não conhecemos a nós próprios; somos de nós mesmos desconhecidos e não sem ter motivo. Nunca nós nos procuramos: como poderia, então que nos encontrássemos algum dia?" (NIETZSCHE, 2013, p. 1).

Espírito livre, faz-se urgente sê-lo, em nosso tempo que denominamos contemporâneo, faz-se necessário quebrar os dualismos aceitos pela humanidade, que regem a separação do sujeito do objeto, humano da natureza, bem e mal, mau e bom. Para tanto, é relevante sermos "eternas crianças", que dispostas e movidas pela curiosidade vão em busca de suprir suas necessidades e desvendar o mundo.

Nesta linha de pensamento torna-se necessário atender à convocação do pássaro, símbolo no livro *Entre nós, Ensaios sobre a alteridade*, onde Emmanuel Lévinas (2004) fala sobre a necessidade de sermos inatuais, capazes de novos atos. Nos desafia a pensar para além daquilo que se pensa. Ser capazes de não aceitar as transcendências, de refletir sobre as

transcendências que culturalmente foram impostas, e ser capaz de formar, construir a própria consciência, potencializada, capaz de compreender e atribuir novos significados diante daquilo que se vivencia. Lévinas instiga a voltar a dizer e desdizer o dito, assumir a responsabilidade de manter práticas relacionais sociais, não por ser cobrado pela ética, mas de compô-la em um modo de viver.

> A preocupação da filosofia contemporânea em libertar o homem das categorias adaptadas unicamente às coisas não deve, pois, contentar-se em opor ao estático, ao inerte, ao determinado das coisas, o dinamismo, a duração, a transcendência ou a liberdade – como a essência do homem. Não se trata tanto de opor uma essência a outra, de dizer o que é a natureza humana. Trata-se, antes de tudo, de encontrar para ele o lugar por onde o homem cessa de nos concernir a partir do horizonte do ser, isto é, de se oferecer aos nossos poderes. O ente como tal (e não como encarnação do ser universal) só pode ser uma relação em que o invocamos. O ente é o homem, e é enquanto próximo que o homem é acessível. Enquanto rosto (LÉVINAS, 2004, p. 30).

A filosofia levinasiana reverbera da perspectiva do Outro enquanto Rosto, elemento concreto, que engaja as relações humanas com responsabilidade ética, sem que esta seja forçadamente estabelecida para harmonizar convivências, mas seja sentida como resgate e respeito ao Outro e a Si. "É sempre a partir do rosto, da responsabilidade por outrem, que aparece a justiça, que comporta julgamento e comparação daquilo que, em princípio, é incomparável, pois cada ser é único; todo outrem é único" (LÉVINAS, 2004, p. 144). Do ponto de vista levinasiano, a ética é uma invocação ao direito intersubjetivo do Outro, uma totalidade sem precedentes preestabelecidos; o que sobra do encontro do Eu com o Outro? "Constituir a ética como filosofia primeira sobre a relação absoluta da alteridade" (LEVINAS, 2004, p. 13). Esta experiência afasta o rosto enquanto modo de expressão e conhecimento e instaura uma nova valoração, em que a ética é sua filosofia primeira, não julgando, regrando, formando, mas deixando ser.

> O tema da intersubjetividade é extremamente urgente frente ao drama da solidão dos homens, frente à tragédia cotidiana da guerra e da violência e frente à necessidade iniludível da construção da paz sobre os alicerces da justiça como responsabilidade de cada um. A ideia do indivíduo que se ergue imperiosamente, se emancipa e confere sentido subjetivo, fundamento auto fundador, tal ideia tornou-se precária. É preciso repensar a razão, a intersubjetividade e, nesta, a alteridade (LÉVINAS, 2004, p. 10).

Revista de Ciências Humanas - Educação | FW | v. 17 | n. 29 | p. 105-123 | Dez. 2016
Recebido em: 16.08.2016 Aprovado em: 29.11.2016

Nesta vertente, o encontro do eu com o Outro deslumbra responsabilidade de um pelo outro e gera um ato generoso que impulsiona a reconhecer o Outro enquanto Outro na relação, gerando respeito e aceitação. O que é gerado deste encontro são intersubjetividades autoconstituídas, não regradas, nem geradas, mas autoconstituídas. A proposta filosófica de Lévinas vem ao encontro de uma nova concepção de vida humana, capaz de propiciar o fortalecimento do respeito mútuo. A intersubjetividade está condicionada ao contexto não apenas pela inserção inevitável no fluxo das relações e dos acontecimentos, mas essencialmente porque precede e predetermina o próprio sujeito na estrutura (LÉVINAS, 2004, p. 14). Consoante ao pensamento filosófico, constata-se na metafísica uma essência convergente, "Na intersubjetividade, produz-se conivência. A possibilidade de compreensão permite reconhecer o outro como outro sujeito e senti-lo, eventualmente, no amor como alterego, outro si mesmo" (MORIN, 2007, p. 78).

Entende-se, assim, alteridade como possibilidade para constituir seres mais humanos, desde a educação infantil; proporciona entender aspectos do viver humano e sua relação com a sociedade, um ser humano em construção, constituído de maneira histórica e social por meio de relações que estabelece para com os outros na sociedade. O ser humano é fecundo, o ser humano é fértil, nesta perspectiva, a alteridade rompe com o contexto, o contexto coloca o Ser como personagem, na alteridade o Ser passa a ser autor. Seguindo esta linha de pensamento, nos cabe refletir: O que podemos fazer, no campo da educação para dar condições à fecundidade do humano, especialmente desde a terna infância?

A infância é a fase das descobertas, aventuras, para descobrir as coisas é preciso apalpar, pegar, cheirar, experimentar, vivenciar, duvidar, porém com o passar dos anos vai se perdendo este entusiasmo pelas descobertas, vai se formando, moldando-se nos moldes dos adultos, regrados, com sonho de pureza, com as coisas no seu devido lugar, estáveis. Compor este mesmo pensamento aos modos como educamos nossas crianças, lhes regrando a tal ponto em que tudo precisa ser ao modo dos adultos, percebe-se quanto se peca ao estabelecer limites que não contribuem para constituição de Seres reflexivos e providos de autoformação.

Geralmente, fala-se que as crianças são o futuro, esperança, sonho de mudança,

Revista de Ciências Humanas - Educação | FW | v. 17 | n. 29 | p. 105-123 | Dez. 2016
Recebido em: 16.08.2016 Aprovado em: 29.11.2016

contudo, se esquece que enquanto se criam expectativas sobre esses Seres puros e inocentes não se dá a devida atenção ao fato que eles estão se constituindo dia a dia, envoltos por determinada cultura, cria-se uma consciência de expectativas futuras e se esquece o agora, que são os atos cotidianos nos quais as crianças crescem que vão constituindo sua consciência.

Os recém-chegados adentram num conjunto de tradições históricas predeterminadas e preexistentes, hoje podemos ter uma compreensão de como ocorreu o desenvolvimento da humanidade por meio dos séculos, com estudos e reflexões que nos permitem enxergar como foi o viver dos povos em tempos históricos. As eras que a humanidade presenciou desde os tempos pré-históricos, preconizam o nosso modo de viver hoje, tanto em uma constante luta por desatrelarmo-nos de certos modos de pensar e viver, quanto a necessidade de resgatar parte desses modos de viver. O despertar da singularidade das crianças acontece em meio às tecnologias que fazem o papel do humano, babás eletrônicas, televisão, celulares-games-*movies*, incontáveis brinquedos eletrônicos e outros. Nesta direção apontamos a questão: como vamos conviver com tudo isso sem deixar se perder a essência das relações humanas? Como criar rizomas para alteridade e não para prevalência do homo *demens?*

Na perspectiva de Lévinas o encontro com o outro é promovedor de naturalidade, pureza, pois exige abertura e desprendimento de si mesmo para aceitar o outro, mas como isso se torna difícil às mentes fechadas em suas individualidades e intolerância.

Historicamente, em muitos momentos, a humanidade "devorou-se" sem se dar conta, com a exclusão social e a disseminação de ódio pelo diferente. Os genocídios são a prova mais viva de junção de iguais para massacrar o diferente.

> A história é de fato um degelo que libertou caoticamente as potencialidades racionais, técnicas, econômicas, imaginárias, criadoras, estéticas, lúdicas, poéticas do *homo-sapiens-demens*, mas também, talvez, sobretudo, a demência e a desmedida, desencadeadas em conquistas, massacres e destruições. A história desenvolveu-se numa sucessão de turbilhões interferindo uns nos outros, suscitando uma dialógica complementar de ordem, desordem, organização, e, prolongando a organização, desordem, ordem, do cosmo, uma dialógica de gênese e de aniquilamento (MORIN, 2007, p. 206).

Urge a necessidade de repensar o como fazemos educação nos espaços educacionais,

Revista de Ciências Humanas - Educação | FW | v. 17 | n. 29 | p. 105-123 | Dez. 2016
Recebido em: 16.08.2016 Aprovado em: 29.11.2016

dar abertura às perspectivas pedagógicas suficientemente capazes de reconhecer o outro que chega nos espaços escolares para construção de seus conceitos e de sua própria maneira de se relacionar. “O desvio que consegue enraizar-se cria o micromeio para o seu primeiro ninho” (MORIN, 2007, p. 211). O autor destaca que muitos dos grandes pensadores da História (Copérnico, Galileu, Einstein...) foram “desviantes” em relação à norma e o padrão cultural estabelecido em sua época.

Criando rizomas para a alteridade em tempos de contemporaneidade

A partir do momento que o Ser humano tomar consciência que a natureza e a vida humana suplicam por reflexões, compreensão e tomada de novas atitudes, especialmente para amparar os que a este mundo chegam, as crianças, será possível termos convivências relacionais verdadeiramente humanas, subsidiadas por ações generosas e respeitosas. Segundo Hannah Arendt (2014), *a vida activa e a condição humana* são delineadas por três atividades humanas fundamentais: o trabalho, obra e ação. A condição humana do trabalho é a própria vida; A condição humana da obra é a mundanidade [*worldlines*]; A ação, única atividade que ocorre diretamente entre os homens, sem a mediação das coisas ou da matéria, corresponde à condição humana da pluralidade, ao fato de que os homens, e não o homem, vivem na terra e habitam o mundo. Assim, “A condição humana compreende mais que as condições sob as quais a vida foi dada ao homem” (ARENDT, 2014, p. 11).

Seguindo esta linha de pensamento e interligando aos pensamentos filosóficos, compreende-se que a vida e o ser humano não podem ser condicionados de modo absoluto, e sim, permite-nos a compreensão de que os atos e ações para com a vida são sublimes, desta forma, nossas ações nesse mundo necessitam serem repensadas, com perspectivas à alteridade que confere nossas condutas e ações de modo imanente, “na medida em que têm a tarefa de prover e preservar o mundo para o constante influxo de recém chegados que nascem no mundo como estranhos, além de prevê-los e levá-los em conta” (ARENDT, 2014, p. 11).

Consoante o exposto, acolher o outro por nossas ações e pela linguagem é dar abertura ao direito subjetivo que tem cada Ser.

Revista de Ciências Humanas - Educação | FW | v. 17 | n. 29 | p. 105-123 | Dez. 2016
Recebido em: 16.08.2016 Aprovado em: 29.11.2016

> As palavras são nós em redes de coordenações de ações que surgem na convivência. Por isso, mudar os significados das palavras implica mudar os domínios de ação, e mudar os domínios de ação implica mudar o modo de conviver (MATURANA, 2001, p. 89).

Neste sentido, é necessário que haja um consenso em aceitar o outro, o que parafraseando Maturana (1997) a relação com o outro implica a aceitação do outro, dispositivo gerador de alteridade, que do grego, como no latim a palavra alteridade se constitui em dois termos, *allos* que é a alteridade genérica, *heteros* é a alteridade como oposição entre dois, a heterogeneidade.

Configurada com a alteridade, Nadja Hermann (2010) escreve sobre os temas ética e estética, que marcam uma relação profunda quando adentramos em seu entendimento de forma racional. A autora traz apontamentos de como com o surgimento experiência da estética, à medida que ela se permeia em nossa vida enfatizando uma multiplicidade de dimensões do estranho, e a partir da relação de complementariedade entre estética e ética redimensiona a abertura à alteridade.

> A estética passa a ser interpretada, então, como uma crescente "desdiferenciação" (*Entdifferenzierung*) dos termos *aisthesis* e estética, na perspectiva de um novo conceito de razão, que incorpora o sensível. Estética e *aithesis* podem ser reunidas justamente por não se tratar de uma teoria da arte, mas de uma racionalidade que incorpora também o conhecimento pela percepção sensível (HERMANN, 2010, p. 125).

O termo estética no discurso contemporâneo está voltado para as diferentes formas pelas quais a sensibilidade atua sobre nós. Na modernidade, a aparência ganha prioridade das expectativas habituais, tornando-se sensível no que se refere à integralidade humana, em que se retrai da realidade, para dar lugar à invenção de outras realidades. Tais circunstâncias abrem caminhos de novas experiências que "mexem" com o Ser humano, pois é algo indeterminado, mas que, ao mesmo tempo, pode ser encarado como um processo formativo.

A ligação de estética e ética está na relação da estética com o mundo, que ultrapassa nossas expectativas racionais, na "estranheza" que causa, abrindo trecho para alteridade, pelo estranhamento surge a oportunidade de diálogo, de dúvida, de pergunta e resposta, de

Revista de Ciências Humanas - Educação | FW | v. 17 | n. 29 | p. 105-123 | Dez. 2016
Recebido em: 16.08.2016 Aprovado em: 29.11.2016

compreensão. Alteridade é aproximar-se do outro, faz gerar um processo de formação, no qual se cria algo interior que modifica o próprio ser. No contato com o outro se deixa de ser aquilo que era antes, nesse processo se transforma, aceita, reconstrói-se.

Diante do exposto adentramos numa reflexão que conduz a uma conduta moral de nossos valores, com novas perspectivas, pois aprendemos a conviver com o diferente, pessoas com opiniões e ações diferentes das nossas. O fato é tomarmos consciência das ações que desempenhamos no viver cotidiano, onde a possibilidade de a alteridade criar rizomas depende do aceite de cada Ser humano para desencadear um viver mais humano.

> A imagem do rizoma serve para transmitir a ideia de que precisamos substituir, em nosso imaginário epistemológico, tudo o que remete a centros fixos, troncos dominantes, ramificações excessivamente delimitadas do saber, disciplinas auto-suficientes, significados fechados, certezas conclusivas (ASSMANN, 1998, p. 81).

A condição de ser um Ser humano está imbricada ao fato de, apesar da mudança na anatomia humana, dada por intermédio dos tempos, sermos seres dependentes da convivência. Neste entendimento, o mal-estar da pós-modernidade (crises existenciais, depressão, incertezas e doenças neurológicas) talvez tenha explicação ou origem na dicotomia que se estabeleceu entre o biológico e o espiritual. Este mal-estar se origina em darmos mais razão ao racional e não controlarmos o emocional, cabe refletir, como equilibrar a condição humana? E quanto isso é penoso, os Seres que desvendam o universo não são capazes de dominar suas emoções, seu próprio modo de agir. Na contemporaneidade se buscam alternativas para "nos salvar de nós mesmos". Cabendo assim perguntar, o que o humano fez do tempo? O que o tempo fez com o humano?

Sentimos e temos a necessidade do outro, é na transitividade da convivência que nos sentimos completos, é possível afirmar que conviver é algo indissociável do ser. Na relação mãe e filho pode-se notar a *alteridade* presente em ambos. Num processo de relação mãe e filho, o filho é dependente da mãe, que o aceita, sem discriminação alguma, simplesmente o aceita, sendo este um ato de aceitação, de amor. O ato de gerar um filho, amamentá-lo, protegê-lo, tem explicação que não seja convertida na palavra amor? E por que esse amor não se expande a todos os outros seres? "Não somos animais naturalmente solidários para além de

Revista de Ciências Humanas - Educação | FW | v. 17 | n. 29 | p. 105-123 | Dez. 2016
Recebido em: 16.08.2016 Aprovado em: 29.11.2016

um círculo bastante limitado de relacionamentos, no qual conseguimos perceber a relevância da sociabilidade para nossas próprias vidas" (ASSMANN, 2000, p. 30). Eis, nas palavras de Assmann, algo pertinente à reflexão, a dinâmica de nos relacionarmos a partir de nossas necessidades nos cegam diante do Outro, usufruímos da sociabilidade para benefício próprio, e isso nos torna egocêntricos e egoístas. Na esteira desse pensamento, nota-se o conflito que o próprio humano cria, buscando manter o domínio um sobre o Outro, a ambição humana é o que causa o mal-estar humano, faz parte da política social em que vivemos.

Desatrelarmos do *demens* que nos guia para a competição é tarefa que exige autocompreensão de nós mesmos, colocar-se em jogo com nossa capacidade mental, racional e emocional, é arduamente exigente e complexo. Afinal, somos nós que construímos o mundo em que vivemos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse embasamento filosófico e metafísico nos lança à Lógica dialógica, que nega uma síntese, verdade absoluta e permite a indagação por meio da reflexão e diálogo, abrindo trecho em meio a tantos tempos vividos e vivos, no jeito como nos constituímos enquanto humanidade para uma abertura profunda a pensar a vida para permitir que a diversidade se constitua com alteridade.

A partir do momento que o Ser humano tomar consciência que a natureza e a vida humana suplicam por reflexões, compreensão e tomada de novas atitudes, especialmente para amparar os que a este mundo chegam, as crianças, será possível termos convivências relacionais verdadeiramente humanas, subsidiadas por ações generosas e respeitosas, partindo do pressuposto que existe a necessidade de novas condutas e perspectivas frente ao Eu e Você para que possa se validar o Nós como alteridade.

Convém profunda reflexão individual para que seja possível a construção de novas faces de relacionamentos, para tanto, o diálogo torna-se primordial, assim como estudos,

reflexões e ações.

O contexto contemporâneo em que estamos nos convoca a mudanças de atitudes, para que não sejamos os destruidores do próprio mundo, pois se não formos capazes de nos relacionar humanamente, como poderemos viver nesse mundo? Somente a compreensão do ser humano que somos pode ser capaz de nos libertar das "prisões de nossa mente", sermos inatuais e capazes de, a partir da dúvida, ousar, renovar e permitir espaço à diversidade.

Nesta direção cabe também aos educadores um "olhar mais justo" com a alteridade para assim contribuir para gerações mais tolerantes com a diversidade. Os valores são aprendidos e ensinados, e a escola se caracteriza numa instância promotora da compreensão e diálogo com a diferença.

Abstract: This article aims to make reflections about the human being and the enmeshed relationships established along their existence. First, the relevance of the question what makes us human? is highlighted. In order to understand this question, some authors were researched, such as Maturana (1997, 2001), Assmann (2000), Capra (2008) and Strieder (2004). After, aspects of the history of humanity are stressed, in the sense of its perpetuation. It is about the principles of inclusion, solidarity and cooperation. The reflections are based on Morin (2007), Capra (2008), Descartes (2002), Nietzsche (1985, 2013) and Lévinas (2004). The production is still constituted of a reflection about the possibility of creating rhizomes for otherness in time of contemporaneity. Specifically in the field of education, the article refers to the human way of living through the aesthetic experience in the perspective of otherness. The analyses are from Arendt (2014), Hermann (2010) and Assmann (2000).

Keywords: Human relationships; Language; Otherness; Education; Contemporaneity.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo tejer reflexiones sobre las relaciones humanas y entrelazadas que se establecen a lo largo de su existencia. Al principio, Se destaca la importancia de la cuestión, ¿lo que nos hace humanos? Para entender esta pregunta hemos tratado de buscar autores como Maturana (1997, 2001), Assmann (2000), Capra (2008) Strieder (2004). En segundo lugar destacamos aspectos de la historia de la humanidad, en ei sentido de su perpetuación. Se trata de los principios de inclusión, la solidaridad y la colaboración. Las reflexiones son guiados en Morin (2007), Capra (2008), Descartes (2002), Nietzsche (1985, 2013) y Levinas (2004) La producción todavía constituye una reflexión sobre la posibilidad de crear rizomas de la alteridad en la época contemporánea. Específicamente en el campo de la educación, el artículo se refiere a la forma de vida humana a través de la experiencia estética desde la perspectiva de la alteridad. Los análisis son de Arendt (2014), Hermann (2010) y Assmann (2000).

Palabras clave: Las relaciones humanas; Idioma; Otredad; Educación; Contemporaneidad.

REFERÊNCIAS

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 12. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

ASSMANN, Hugo; MO SUN, Yung. **Competência e sensibilidade solidária**: educar para a esperança. Petrópolis: Vozes, 2000.

ASSMANN, Hugo. **Reencantar a educação**: rumo à sociedade aprendente. Petrópolis: Vozes, 1998.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida**: uma compreensão científica dos sistemas vivos. Tradução Newton R. Eichemberg. São Paulo: Cultrix, 2008.

DESCARTES, Réne. **Discurso do método**: para bem conduzir a própria razão e procurar a verdade nas ciências. Tradução Thereza Christina Stummer. São Paulo: Paulus, 2002.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia, vol. 1 / Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de janeiro: Ed. 34, 1995. TRANS).

HERMANN, Nadja. **Autocriação e horizonte comum**: ensaios sobre educação ético-estética. Ijuí: Ed. Unijuí, 2010.

LÉVINAS, E. **Entre nós**: ensaios sobre alteridade. 4. ed. Tradução Pergentino Stefano Pivatto et al. (Coord.). Petrópolis: Vozes, 2004.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Campos Fortes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **A árvore do conhecimento**: as bases biológicas do entendimento humano. Tradução Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: Palas Athena, 2002

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco**. De máquinas e seres vivos**: autopoiese – a organização do vivo. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MORIN, Edgar. **O método 5**: a humanidade da humanidade: a identidade humana. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Assim falava Zaratustra**. Tradução Eduardo Nunes Fonseca. São Paulo: Hemuns, 1985

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **A genealogia da Moral**. Tradução Antonio Carlos Braga. São Paulo: Alasca, 2013.

STRIEDER, Roque. **Educar para a iniciativa e a solidariedade**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2004.